

Edição revista pelo autor.

Açúcar amargo

© Luiz Puntel, 1986

Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica Mário Ghio Júnior

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo

Gerência editorial Paulo Nascimento Verano

Edição Fabiane Zorn e Camila Saraiva

ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.), Thatiana Kalaes (assist.)

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

Capa montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Jô Fevereiro

Editoração eletrônica Balão Editorial

REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.) e Balão Editorial

ICONOGRAFIA

Silvio Kligin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens Júlio Sian/Revista Revide (p. 154); Arquivo pessoal (p. 156)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P984a

17. ed.

Puntel, Luiz, 1949-

Açúcar amargo / Luiz Puntel. - 17. ed. - Luiz Puntel : Ática, 2015.
160 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-17347-1

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

15-22277

CDD: 028.5

CDU: 0875

Código da obra CL 738544

CAE 546782

2015

17ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

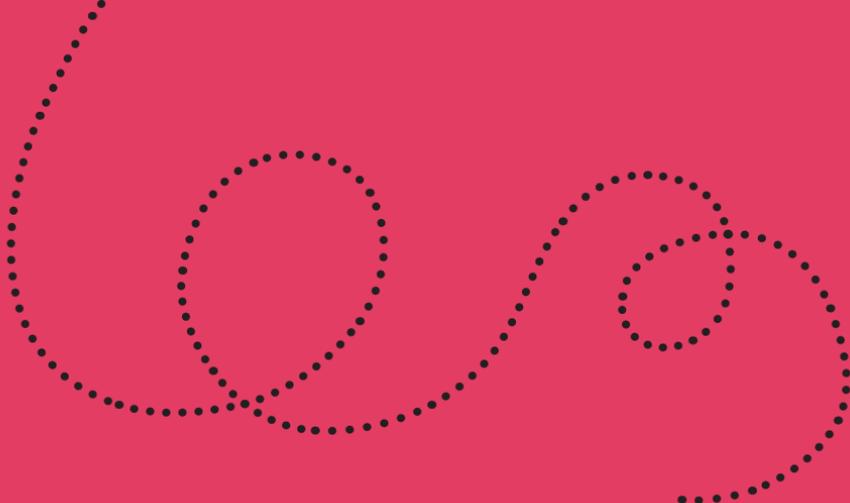
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

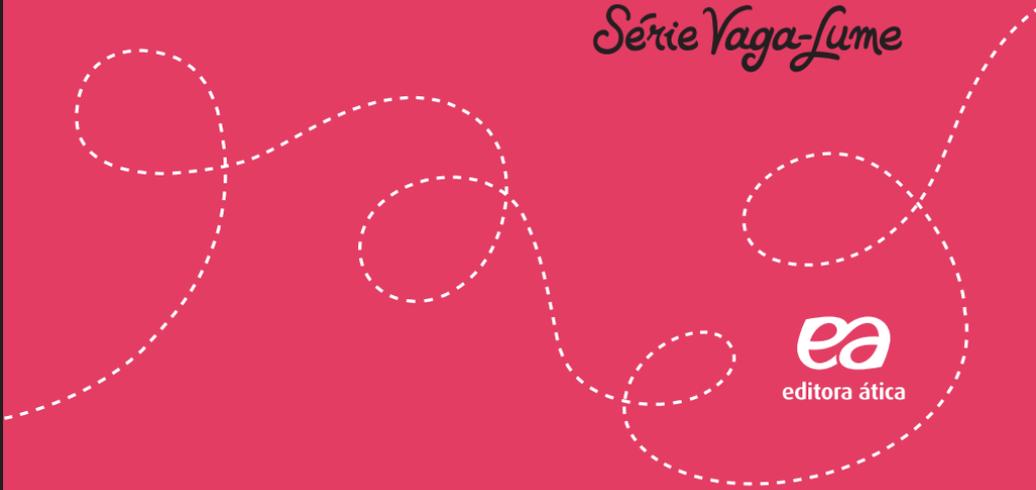




Açúcar Amargo

LUIZ PUNTEL

Série Vaga-Lume



ea

editora ática

As amarguras da vida

SE VOCÊ NÃO CONHECE A DURA VIDA DOS BOIAS-FRIAS — pessoas que trabalham no campo em troca de um pagamento muito baixo —, o título deste romance pode parecer um pouco estranho. Porém, esta história vai fazê-lo compreender que até o açúcar pode ser amargo.

Estamos na década de 1980. Seu Pedro e o filho mais velho trabalham no cultivo de verduras e legumes e assim sustentam minimamente a casa. Com isso, Marta, a filha adolescente, consegue evitar trabalhar como empregada doméstica para poder estudar mais.

Essa estabilidade cai por terra quando os arrendadores do sítio solicitam que a família desocupe o local. É assim que seu Pedro e o filho acabam se tornando cortadores de cana na região da cidade de Guariba, em São Paulo.

As condições de trabalho são terríveis, e trágicos acontecimentos causam mais problemas na casa de Marta. Mesmo tendo de lidar com as dificuldades da adolescência e com o machismo do pai, ainda assim ela encontra tempo para amar e ser feliz.

Enquanto testemunha o amadurecimento da garota, você vai descobrir que a união faz verdadeiramente a força ao ver os boias-frias lutarem por seus direitos de trabalhadores nesta narrativa baseada em uma história real.



sumário

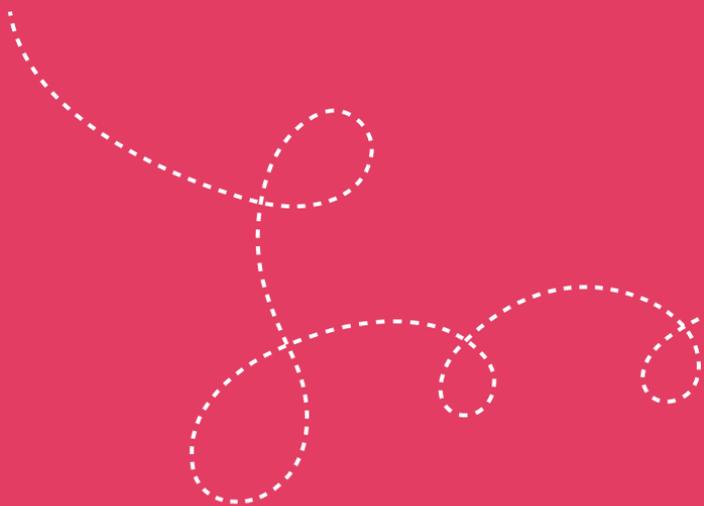
<i>Agradecimentos</i>	11
<i>capítulo 1.</i>	
Pensando em namorados	15
<i>capítulo 2.</i>	
O tempo de brincar de casinha já passou mesmo	21
<i>capítulo 3.</i>	
De tudo fica um pouco, como diria o poeta Drummond. Mesmo que seja um beijo roubado	24
<i>capítulo 4.</i>	
Mas, porém, contudo, entretanto, a vida está mesmo cheia de conjunções adversativas	27
<i>capítulo 5.</i>	
Marta preferia ser suspensa ou expulsa da escola a ouvir aquilo	33
<i>capítulo 6.</i>	
Suspende o suco de laranja! Sai um chope gelado!	40
<i>capítulo 7.</i>	
Suspende o chope! Sai um caldo de cana!	46
<i>capítulo 8.</i>	
Mas nesta casa quem decide tudo é o pai?	50
<i>capítulo 9.</i>	
Marta seria mesmo a culpada?	54



	<i>capítulo 10.</i>	
Uma professora descomplicada		60
	<i>capítulo 11.</i>	
Sangue do mesmo sangue		65
	<i>capítulo 12.</i>	
Um “mineiro” que trabalha em silêncio.		
Um farmacêutico apaixonado.		
Uma garota ciumenta		72
	<i>capítulo 13.</i>	
Cuidado com o Mudinho, peãozada!		79
	<i>capítulo 14.</i>	
As confidências de Marta		83
	<i>capítulo 15.</i>	
Lugar de mulher é em volta do fogão		87
	<i>capítulo 16.</i>	
Um pé de cana não forma um canavial		90
	<i>capítulo 17.</i>	
Há amor nos olhos de Marta		94
	<i>capítulo 18.</i>	
Marta tem ciúmes de Mudinho		98
	<i>capítulo 19.</i>	
O Mudinho falou? Mas como?		103
	<i>capítulo 20.</i>	
Marta, finalmente mulher		111
	<i>capítulo 21.</i>	
Marta é roubada		114



<i>capítulo 22.</i>	
Unidos, somos fortes...	120
<i>capítulo 23.</i>	
Não tem homem aqui, não?	124
<i>capítulo 24.</i>	
A greve	131
<i>capítulo 25.</i>	
Um tirinho à toa?	137
<i>capítulo 26.</i>	
Três dias de tensão	144
<i>capítulo 27.</i>	
Agora é que a história começa	147
<i>Nota do autor</i>	153
<i>Saiba mais sobre Luiz Puntel</i>	154



Agradecimentos

Aos padres Braghetto e Nilton, por permitirem a pesquisa nos arquivos da Comissão Pastoral da Terra.

A Edson Prandini, Marisa Lajolo, Vera Hanna e irmã Eunice Wolff, pelo incentivo e pelas implacáveis leituras críticas.

A Fábio Lotufo, pelas ponderações tão importantes.

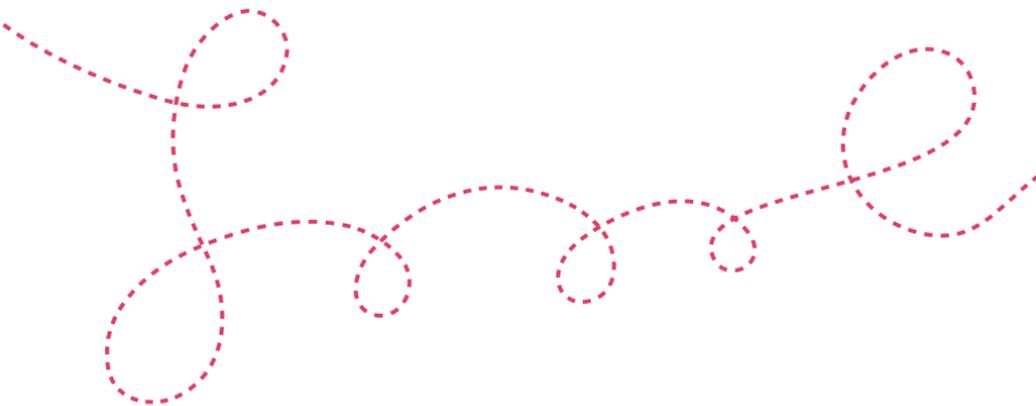
A Adorama, amiga ausente, que não chegou a ver o livro pronto.

*A Rogério Ramos, pela revisão criteriosa.
Que trabalhão eu dei, hein, bicho?*

A Fernando Paixão, por ter acreditado na força desta história.

“O açúcar é doce
pros donos dos canaviais.
Pra nós ele é azedo e amargo
que nem dá gosto.”

Flor-de-Nice dos Santos, boia-fria



1. Pensando em namorados

NEM BEM O SINAL TOCARA, ANUNCIANDO O TÉRMINO DAS AULAS, os alunos da oitava A*, do Colégio, em Catanduva, interior paulista, já estavam nas escadarias da escola.

No meio do alarido de toda saída de alunos, alguém gritou o nome de uma garota.

— Marta! Espere um pouco, Marta!

A garota, cabelos curtos, pele morena, jeitinho bastante simpático, voltou-se.

— O que foi, Carminha? — ela perguntou em resposta.

— Não se esqueça da reunião de hoje à tarde. A turma vai se reunir pra pesquisa de história. Você vem, né?

— Não vai dar pra voltar, Carminha... Você sabe que eu não moro na cidade e...

— Ih, é mesmo. Eu havia esquecido que você é fazendeira...

.....

* Atual nono ano do Ensino Fundamental II.

— Fazendeira? Quem sou eu, Carminha! Meu pai toca fazenda à meia, arrendando um pedaço de terra...

— Não precisa ficar chateada, né?

— Mas eu não estou chateada, Carminha. Se fosse outra pessoa que me chamasse de fazendeira, talvez eu ficasse ofendida, mas você...

— Então faz o seguinte, Marta! Eu não quero segurá-la mais, senão você perde seu ônibus... Você faz o resumo e eu e as meninas terminamos o resto. Combinado?

— Combinado!

— Então, está bem. Tchau, dona fazendeira...

As duas riram, despedindo-se. Carminha afastou-se enquanto Marta estendia o braço, dando sinal ao ônibus que se aproximava.

Gesto inútil, na verdade. O motorista pararia de qualquer modo. Já estava acostumado com aquela passageira de todos os dias.

— Oi, seu Tonho! — Marta foi cumprimentando.

— Bom dia, menina. Estudou muito?

— É, já estamos na metade do ano. Agora as matérias comecem a apertar... E oitava série, o senhor já viu, é difícil toda vida... — Marta sorriu, indo sentar-se em uma das poltronas.

A rotina de Marta era aquela: bem cedinho, ela tomava o ônibus que vinha de Bebedouro, cidade próxima, com destino a Catanduva. A fazenda não ficava muito longe, o que facilitava seus estudos. Na frente do colégio, saltava. Quando as aulas terminavam, tomava o ônibus do meio-dia, retornando à casa.